

A VIDEOARTE COMO ESTRATÉGIA DE ACESSIBILIDADE NO ENSINO MÉDIO: Relato de Estágio Supervisionado

Gabriel Jhonatta Pereira dos Santos¹
Daniely Meireles do Rosário²

RESUMO

O trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado em Artes Visuais com turmas do terceiro ano do Ensino Médio na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Trata-se de um estudo de caso, de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir de uma intervenção pedagógica que buscou promover a integração acadêmica e aprendizagem em Artes Visuais por meio da produção em videoarte, realizada com uma discente com baixa visão e deficiência cognitiva. Os resultados evidenciam que a utilização de recursos tecnológicos e de práticas não convencionais no ensino de Artes Visuais contribui significativamente para a promoção da inclusão e da acessibilidade no processo de ensino-aprendizagem. Conclui-se que a videoarte, enquanto linguagem artística e pedagógica, configura-se como uma estratégia eficaz para ampliar a participação e o engajamento de estudantes com deficiência no contexto escolar.

Palavras-chave: artes visuais; arte/educação; estágio; videoarte; acessibilidade.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado se constitui como uma das etapas fundamentais para a formação de discentes durante a graduação. De acordo com De Oliveira e Lampert (2013), é a disciplina que permite aos alunos de licenciatura a apropriação de instrumentos teórico-metodológicos para atuação no ambiente escolar. O estágio provoca reflexões acerca do sistema de ensino vigente, das práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula e da relação educador-estudante como pilar de uma educação transformadora. Além disso, é o momento de compreensão do papel das instituições de ensino diante do contexto político, social e cultural.

As autoras ressaltam ainda que o estágio é um ambiente intimidador, onde o estagiário lida, muitas vezes, com desafios que não imaginavam encontrar, ocasionados por diferentes fatores, entretanto, o situam como um espaço privilegiado de questionamentos e investigação.

Quanto mais claros forem os fundamentos, a natureza e os objetivos do estágio, suas possibilidades e limites curriculares, mais cedo se dará a compreensão do processo. O estágio é um espaço privilegiado de questionamento e investigação, mas não somos nós, professores formadores, quem temos que dizer isso ao nosso aluno estagiário; ele é quem tem que descobrir por si só (De Oliveira; Lampert, p.81).

Um dos desafios presentes no cotidiano escolar refere-se à promoção da inclusão de discentes com deficiência. No campo das Artes Visuais, os obstáculos não se restringem à leitura de obras em galerias e exposições, mas também à mediação e à compreensão desses

¹ Discente de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Pará. jhonattapereira89@gmail.com

² Professora de Artes Visuais da Escola de Aplicação da UFPA. Doutora em Artes (EBA/UFMG). danymeireles@ufpa.br

elementos no contexto escolar. Andrade e Guimarães (2023) reiteram que, para um estudante com deficiência visual, a simples descrição da obra ou sua reprodução em relevo não garantem, por si só, a fruição artística, uma vez que a experiência estética envolve a relação entre o espectador — com sua bagagem emocional e repertório cultural — e a obra.

Este relato tem como objetivo apresentar as experiências vivenciadas na quarta etapa do Estágio Supervisionado em Artes Visuais, realizada na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Ao longo do período letivo, as turmas do 3º ano do Ensino Médio organizaram uma Mostra Artística e Científica Interdisciplinar, voltada à discussão de temáticas como meio ambiente, violências sociais e questões climáticas, além de promover o desenvolvimento de competências artísticas. Nesse contexto, evidenciou-se a necessidade de assegurar a integração, garantindo a aprendizagem e vivências artísticas de uma estudante com baixa visão e deficiência cognitiva no processo de elaboração e realização da mostra, efetivando sua participação na proposta interdisciplinar a partir de uma perspectiva contemporânea das artes visuais.

Para Silva Neto *et al.* (2018), é necessário compreender que o processo de aprendizagem é possível no contexto da sala de aula regular, superando o pensamento excludente e capacitista de que estudantes com deficiência não são capazes de estudar, conviver e aprender com os demais. Assim, na busca por alternativas que promovessem a integração no processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais, optou-se pelo uso do vídeo, não apenas como meio de apropriação de conteúdos, mas como linguagem estética que explora a sensibilidade, a imagem em movimento, a dimensão sonora e o engajamento proporcionado pela experiência audiovisual em tempo real, favorecendo a criação e a construção de novas narrativas (SARZI-RIBEIRO; CARNELUTI, 2024).

Diante dessas considerações, este trabalho propõe refletir sobre as possibilidades pedagógicas do estágio supervisionado como espaço de investigação, prática e ressignificação das metodologias em Artes Visuais, especialmente no que tange à educação inclusiva. Ao articular teoria e prática, o relato busca evidenciar como o uso do vídeo, enquanto linguagem artística e recurso didático, pode favorecer processos de participação, autoria e fruição estética de estudantes com deficiência em contexto de escola regular. Desse modo, pretende-se contribuir para o debate acerca da formação docente comprometida com a equidade, a acessibilidade e a construção de práticas educativas sensíveis às diferenças.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso, de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir da experiência vivenciada na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFPA). O estudo de caso pode contribuir, de modo singular, para que o pesquisador consiga compreender problemáticas relacionadas a indivíduos, grupos sociais, organizações, programas, políticas, quando permite realizar análises amplas e significativas sobre o objeto de pesquisa (MONTEIRO; TORMES; MOURA, 2018).

As autoras destacam ainda que esta metodologia é constantemente utilizada na avaliação de políticas educacionais pois permite identificar o “como” e “por que” diante dos resultados obtidos. Os procedimentos metodológicos envolveram: a observação do contexto escolar; planejamento e aplicação de intervenção pedagógica fundamentada na utilização do vídeo como linguagem artística e recurso didático; processo de criação com pesquisa e participação da estudante; registro sistemático das experiências por meio de diário de campo, anotações reflexivas e documentação dos processos e produtos audiovisuais desenvolvidos.

A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa, a partir da interpretação das etapas e registros produzidos durante o estágio, considerando aspectos como participação, engajamento, autonomia, interação com os colegas e possibilidades de fruição estética proporcionadas pela linguagem audiovisual, que abrange desde a produção poética e artística até o ensino da arte e da arte/educação, oferecendo uma variedade de possibilidades dentro da sala de aula (SARZI-RIBEIRO; CARNELUTI, 2024).

Os resultados observados foram articulados a referenciais sobre estágio supervisionado, educação inclusiva, arte-educação e adoção de tecnologias digitais de informação e comunicação nas práticas pedagógicas, possibilitando a problematização das ações desenvolvidas e a análise de seus impactos no processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, a metodologia integrou teoria e prática, compreendendo o estágio como espaço de investigação, experimentação e produção de saberes docentes, especialmente no que se refere à consolidação de práticas inclusivas no ensino de Artes Visuais.

DISCUSSÕES

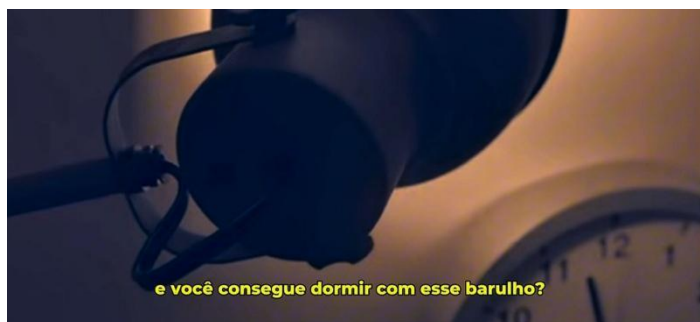
De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a competência digital é uma das habilidades fundamentais a ser desenvolvida na educação básica. Neste sentido, a adoção das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) no contexto do Ensino Médio, permite a ampliação das formas de interação e de acesso ao conhecimento, uma vez que a faixa etária vigente nesta etapa escolar está cada vez mais inserida no dia a dia (ALBUQUERQUE, 2025).

Sarzi-Ribeiro e Cernelutti (2024) situam o vídeo como uma ferramenta estética, que deve ser percebido como mais que um instrumento para comunicação, uma vez que a facilidade de sua disseminação e reprodução, sobretudo quando se trata de enxergar a possibilidade de subversão do utilitarismo que lhe é destinado. Neste sentido, Ana Mae (1998) reitera que a Arte garante uma experiência unificada a partir do uso de diferentes elementos, visto que há uma qualidade estética que integra todas estas partes sem apagar suas singularidades (Barbosa, 1998).

Considerando essas premissas e os temas abordados na Mostra Artístico-Científica, a videoarte produzida buscou representar a poluição sonora como forma de violência social que impacta pessoas cegas ou com baixa visão, possibilitando que o público conhecesse o cotidiano da discente e compreendesse de que maneira os sons do dia-a-dia interferem em sua orientação, autonomia e percepção do espaço.

Figura 1: Frames da videoarte produzida





Fotos: Gabriel dos Santos

Para a produção do vídeo, realizou-se uma conversa com a discente acerca de seu cotidiano e de suas percepções. Ao longo do diálogo, os ruídos que ela mencionava foram reproduzidos no YouTube, com o objetivo de selecionar aqueles que mais se aproximavam de sua realidade, mediante o aval da estudante. Posteriormente, realizou-se a curadoria desses áudios para compor a construção sonora do vídeo. Paralelamente, imagens relacionadas aos ruídos foram selecionadas para integrar a composição visual da produção audiovisual.

Além disso, a estudante foi orientada a produzir imagens – por meio de desenhos e modelagem com massa colorida – que a levassem a pensar sobre as situações do cotidiano que lhe traziam sons que a incomodavam, complementando as falas que terminaram por compor o roteiro planejado para a videoarte. Andrade e Guimarães (2023) ressaltam que, visando a integração de um aluno com deficiência, precisamos perceber também como é a sua vivência, como é o seu estar no mundo, para que seja proporcionada aprendizagem para esse estudante também.

Figura 2: Instalação da Videoarte



Acervo: Gabriel dos Santos

As imagens, os sons e a entrevista coletada foram integrados em um único vídeo por meio do aplicativo *CapCut*, recurso de edição para dispositivos móveis que dispõe de ferramentas de fácil acesso e interface intuitiva, possibilitando sua utilização mesmo por usuários sem conhecimentos técnicos avançados na área. Como estratégia adicional de

acessibilidade, procedeu-se à transcrição da narração em legendas, a fim de permitir que pessoas surdas também pudessem fruir a obra.

Para a instalação da obra no espaço da Mostra, reservou-se uma área da sala destinada à utilização de um projetor multimídia (datashow). Com o auxílio de fones de ouvido conectados ao notebook, os visitantes puderam vivenciar uma experiência de imersão, ao experimentar os desconfortos sonoros narrados pela discente. Dissenha (s.i.) reitera que a relação da sociedade com as tecnologias se estabelece a partir da prática cotidiana, tornando tais ferramentas cada vez mais indispensáveis em diferentes esferas da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre práticas pedagógicas que assegurem a acessibilidade de estudantes com deficiência visual nas aulas de Artes Visuais no Ensino Médio ainda se configura como um desafio para docentes, uma vez que a formação inicial nas licenciaturas nem sempre contempla, de maneira sistemática, discussões e encaminhamentos metodológicos voltados à educação inclusiva.

Essa lacuna torna-se ainda mais evidente quando se trata da elaboração de atividades práticas articuladas aos conteúdos curriculares específicos de cada etapa de ensino. Magalhães (2022) enfatiza a necessidade de que as instituições escolares ofereçam condições pedagógicas, administrativas e estruturais que possibilitem experiências educativas significativas, ressaltando as dificuldades para a concretização dessas metas diante da insuficiência de políticas públicas efetivas e do déficit de professores.

Nesse contexto, compreende-se que um dos primeiros passos em direção à efetivação da inclusão consiste na escuta atenta e no acolhimento de cada estudante, considerando suas especificidades, repertórios culturais e artísticos, bem como suas vivências. Assim, a deficiência ou a neurodivergência deixa de ser concebida como obstáculo e passa a ser entendida como possibilidade de ampliação dos processos de aprendizagem para todos os envolvidos. Barbosa (1998) já destacava a compreensão das multiculturalidades, entendidas como as singularidades que influenciam a forma como o indivíduo percebe e se insere no mundo, como um dos pilares do ensino das Artes Visuais.

Nessa perspectiva, a incorporação significativa das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), como a videoarte, apresenta-se como estratégia relevante de inclusão e acessibilidade, permitindo que tais recursos integrem, de maneira orgânica, o processo de ensino-aprendizagem. Andrade e Guimarães (2023) ressaltam que o professor de Arte tem a responsabilidade de fomentar a criatividade, a imaginação e a autoria discente, tarefa que deve considerar as especificidades de cada estudante diante dos desafios apresentados.

Dessa forma, a promoção da acessibilidade no ensino de Artes Visuais não se limita à adaptação de recursos, mas implica a ressignificação das concepções pedagógicas que orientam a prática docente. Ao articular escuta, reconhecimento das diferenças e uso crítico das TDICs, o ensino de Arte pode constituir-se como espaço de participação ativa, experimentação sensível e produção de sentidos, no qual as diferenças sejam reconhecidas como dimensões constitutivas do processo educativo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Evelin Raithz de Lima. Uma análise do estado da arte sobre o Uso de TDICS no Ensino Médio e sua Importância para o Ensino e Aprendizagem. **Atena Editora**, 2025. In: **A Educação enquanto fenômeno social: Ciência, cultura e políticas públicas**, v. 2.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos: arte-educação para o Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DISSENHA, Susana Ester Kruger. As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) aplicadas à Educação e às Artes Visuais. *Aprendendo com Arte*, [s.l.], [s.n.], [s.d.].

EV, Leonardo da Silveira; GOMES, Aline Burni Pereira. Entre a especificidade e a teorização: a metodologia do estudo de caso. **Teoria e Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 75-103, 2014.

GUIMARÃES, Viviane Alves; DE ANDRADE, Arheta Ferreira. Arte e Cegueira: reflexões sobre acessibilidade multissensorial de obras de arte bidimensionais. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 20, n. 1, p. e0058-e0058, 2024.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. **Experiências de ensinar/aprender em Artes Visuais no contexto do estágio curricular: cenários de incertezas na formação de professores**. Revista GEARTE, [S. l.], v. 9, 2022. DOI: 10.22456/2357-9854.83233. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/83233>. Acesso em: 20 fev. 2026.

SARZI-RIBEIRO, Regilene Aparecida; CARNELUTI, Tamires. Arte do vídeo e a sensibilização estética na arte-educação. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, v. 22, n. 11, p. e7589-e7589, 2024.

Silva Neto, A. de O., Ávila, Éverton G., Sales, T. R. R., Amorim, S. S., Nunes, A. K. F., & Santos, V. M. (2018). **Educação inclusiva: uma escola para todos**. *Revista Educação Especial*, 31(60), 81–92.